

PESSOAS, AMBIENTE E PEIXES NA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS EM COMUNIDADES RURAIS DO MÉDIO SOLIMÕES

Rônisson de Souza de Oliveira

Graduado em História pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e doutorando em Ciências Sociais na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP)

ORCID:<https://orcid.org/0000-0001-8743-0449>

Palavras-chave: Conhecimento; Pesca; Percepções; Etnografia.

APRESENTAÇÃO

Primeiramente, devo me situar sobre o local de pesquisa. A minha relação com o local é familiar, pois nasci e me criei até os 11 anos de idade em uma das comunidades onde os dados deste relato foram coletados. O meu retorno¹, com longos dias de permanência, se deu após alguns anos, já com formação acadêmica, e ocorreu justamente para fazer pesquisa junto a pescadores e seus conhecimentos tradicionais. Desse modo, considero que muitas questões me são familiares naquele contexto. Seguramente fiz o exercício do estranhamento do familiar (DAMATTA, 1978), mas também considero, como Gilberto Velho (1978), que o familiar não é necessariamente o conhecido.

O cotidiano das pessoas, denominadas aqui de “populações tradicionais”, é permeado por interações e percepções com as águas, as terras, o ar, os animais, dentre outros, que guiam seu modo de ser e viver. Minha base para pensar o conceito de população tradicional é Carneiro da Cunha e Almeida (2002) e Little (2010). Tais autores destacam a tradicionalidade de conhecimentos a partir do aspecto do saber, das interações, dos pressupostos e do modo de viver. A constituição do conhecimento ocorre, portanto, a partir daquilo que é alcançado pelas percepções e experiências do cotidiano no ambiente, entrelaçadas a aspectos do passado, dos pressupostos, que são as verdades culturais² (Carneiro da Cunha e Almeida, 2002) e das formas de ver e viver o mundo.

¹ Ressalto que meu afastamento foi físico; sempre mantive e ainda mantenho fortes laços com o local. Tenho retornado ao local, desde 2016, também como pesquisador inicialmente como bolsista do CNPq, no Instituto Mamirauá, posteriormente como doutorando na Unicamp, com bolsa da FAPESP. Desse modo, deixo meu agradecimento aos moradores do Coraci, bem como às instituições que apoiaram e apoiam a pesquisa.

² Na definição literal dos autores, verdade cultural é “... aquilo que não se discute quando se é membro de uma sociedade” (Carneiro da Cunha e Almeida, 2002, p. 12).

Trago para este relato parte da minha experiência com pesquisa em uma região amazônica, especialmente os primeiros três anos que pesquisei no local (não de forma ininterrupta). Fiz a pesquisa em três comunidades situadas nas margens do paraná denominadas Coraci, em área de várzea, região do médio Solimões, município de Mara, Amazonas, Brasil.

PRÁTICAS E CONHECIMENTOS

Nos momentos de interao com as pessoas foi possível observar os comandos da vida, guiados por outros seres ou fenmenos da natureza. Assim, o conhecimento tradicional do qual passo a falar envolve práticas de manejo de pesca, interao com plantas, terra e água, bem como processos cosmológicos.  importante destacar que tal conhecimento não  esttico e, embora circule entre diferentes geraes, a todo momento as experiências dinamizam a aprendizagem e a validao do mesmo. Esse movimento também mostra como as populaes nativas buscam o conhecimento também pelo prazer de conhecer, como bem constatou Lévi-Strauss (1989).

Estar nos ambientes com os moradores possibilita ouvir as narrativas, bem como presenciar aes práticas do conhecimento tradicional. No cotidiano percebi questões como: um determinado pássaro avisa quando vai chover, determinado movimento dos peixes indica que o rio vai “secar” (descida da água), a lua tem uma força que traz peixes, se tem fruta na árvore, tem peixe na água, se árvores frutíferas “carregam” (do muitos frutos), a enchente do rio será grande, dentre tantas outras. Em maiores detalhes passo a narrar, a partir do meu caderno de campo, como algumas destas questões me foram apresentadas e destacadas.

Uma das primeiras observaes em campo, nas áreas de pesca, foi que  necessário “achar onde os peixes estão” e, nesse caso, o indicativo seria uma árvore de inamu (*Ocoteacyambarum*) com frutos caindo na água, assim teriam tambaqus (*Colossoma macropomum*) comendo os frutos. Ao chegar ao local com essa árvore, ou mesmo próximo, já não podia falar alto ou fazer qualquer outro tipo de som, pois barulhos humanos assustam os tambaqus. Ao adentrar na área alagada de igapó junto ao pescador C.³, percebi que o silêncio também era fundamental para o pescador escutar o fruto caindo na gua. Ao adentrarmos mais no igapó, C. começou a escutar os frutos caindo e comentou “está escutando? Tem inamu caindo por aqui, vamos já achar e colocar o espinhel” e assim foi feito.

³ Por questões ticas o nome verdadeiro dos pescadores será preservado; foi usado a inicial dos apelidos dos mesmos.

Além das frutas, pescadores identificam se tem peixes em áreas de igapó pela cor da água. Nesse sentido, sobre a pesca do tambaqui com o apetrecho espinhel, de acordo com C., é mais eficaz quando a água do igapó está preta – quando o rio começa a "encher", a água adentra os igapós deixando-a mais branca – aí a melhor forma de capturar é com malhadeira, não mais com espinhel⁴. Outra pontuação do pescador foi de que “não é bom colocar espinhel durante o dia”, precisa ser no entardecer, para ficar durante a noite, isso porque “durante o dia tem muito ladrão de isca”. Ladrões de isca são os peixes pequenos, filhotes de pirapitinga (*Piaractus brachypomus*) e tambaqui. Tais ladrões comem as iscas aos poucos, sem engolir o anzol, mas seus tamanhos também não agradam para serem capturados pelos pescadores.

Faz parte do capital intelectual tradicional dos pescadores o conhecimento sobre os hábitos dos peixes pois, a partir disso, mobilizam suas técnicas, como por exemplo o saber sobre os horários mais adequados à captura. No caso do tambaqui, segundo C., os momentos de maiores possibilidades são “a boca da noite”, que corresponde do anoitecer até por volta de 22h, e na madrugada, entre quatro e seis da manhã. Nesses horários as malhadeiras ou os espinhéis precisam ser “vigiados”, ou seja, os pescadores se destacam de suas casas para observar se há peixe capturado.

No caso dos peixes lisos (surubim, pirarara e pacamon), a captura é feita com “caniço”⁵ (caniço grande) nas margens do rio no início e final do dia. Localmente denominam a técnica de “bater caniço”. De acordo com o pescador J., essa modalidade de pesca só é praticada na parte da manhã, entre cinco e oito horas, e no final da tarde, a partir das 17 horas, podendo ir até as 19 horas. Segundo o pescador, em outros horários “os bichos não pegam”, ou seja, não são capturados.

No aspecto do tempo anual, há períodos com mais e com menos peixes, pois isso varia de acordo com a época do ano, com a cheia ou seca dos rios, etc. Assim, após alguns dias de estadia em uma das comunidades, a intensidade de subida dos peixes, que era grande, foi diminuindo, e os moradores seguramente comentavam que a “peixada” havia parado, mas na força da lua haveria novamente (os cardumes subindo). A força da lua seria o vigor quando a lua retorna nova, pois ao ir embora cheia e voltar nova, vem com uma força que traz os peixes.

⁴ Um tipo de apetrecho de pesca.

⁵ Apetrecho de pesca constituído de uma vara, linha e anzol.

Ainda sobre a relação com a lua, os moradores falam sobre “pegar o peixe na sentada da lua”. Isso faz referência a quando ela se põe, pois consideram que ela esteja “sentando”. Para os pescadores, esse é um momento importante na pescaria, pois escurece totalmente nas áreas de pesca e as possibilidades de capturar os peixes voltam. Com a escuridão, as espécies não conseguem enxergar os pescadores e os materiais, como a malhadeira, por exemplo. Assim, possibilita a captura.

Por fim, destaco um último relato:

No campo que fiz no mês de setembro (2017) foi possível visualizar muitos cardumes de diferentes espécies de peixes que sobem o rio, ou seja, nadam em sentido contrário à correnteza da água, subindo no curso do rio. Nas viagens noturnas, muitos peixes desses cardumes saltam da água assustados com os barulhos causados por humanos.

Nesse contexto, em uma determinada noite, acompanhei um grupo de moradores em uma expedição para uma praia, no rio Japurá, e percebi os peixes fazendo o sentido contrário ao que eu já tinha visto, saltavam no mesmo sentido da corrente da água, baixando o rio.

Voltamos da expedição às três da manhã, atravessamos o rio Japurá e entramos no paraná do Coraci. Nesse momento vi o fenômeno de descida dos peixes. Fui sentado na proa da canoa fazendo o serviço de “focar” para iluminar o caminho no rio, guiando com o foque da lanterna o olhar do morador guia do motor que nos transportava. Após mais ou menos 20 minutos de viagem, vi várias sardinhas saltando no sentido baixando o rio. Apesar da curiosidade, não tive como questionar ninguém naquela hora da noite, mas fiquei com esse propósito de questionar os moradores sobre tal fato.

No outro dia, levantei o assunto no café da manhã. Fui informado por um morador que era um sinal de repiquete, “quando os peixes descem, o rio vai encher”, afirmou o morador. De fato, isso veio acontecer, pois em três dias as águas do rio realmente começaram a subir.

CONSIDERAÇÕES

Intencionalmente finalizo com a descrição acima, pois mostra aspectos de uma espécie de consolidação (para quem está de fora daquele ambiente) do conhecimento tradicional pois, além de dizer sobre formas de estar no mundo, compreendê-lo e dar sentido ao viver por parte das pessoas locais, diz também sobre o papel daqueles que buscam investigar tal tipo de conhecimento, e é falando sobre um desses aspectos que quero concluir.

No campo sentimos, observamos, anotamos e constatamos que o conhecimento é construído na experiência, sua reprodução faz sentido no cotidiano e para além. Desse modo, creio que um dos sentidos fortes da etnografia sobre conhecimento tradicional é a constatação (pelo viver, sentir e perceber do/a pesquisador/a) de que outros mundos e modos de construir conhecimento são possíveis.

Outro ponto de conclusão é em relação ao conhecimento tradicional. Há uma intensa movimentação entre humanos e não humanos, com observações, experiências e validações. Logo, tal conhecimento é criteriosamente construído e vivido na prática. Assim, o conhecimento dos pescadores é constituído a partir deste movimento, de estar no ambiente. Perceber os peixes, a água, as plantas e a forma como interagem possibilita aos pescadores o saber onde encontrá-los, o que comem, como aproximar e capturar.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO DA CUNHA, M.; ALMEIDA, M. W. B. DE. 2002. INTRODUÇÃO, IN ENCICLOPÉDIA DA FLORESTA. EDITADO POR M. CARNEIRO DA CUNHA; M. W. B. DE ALMEIDA, P. 18-30. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS.

DAMATTA, ROBERTO. O OFÍCIO DE ETNÓLOGO; OU, COMO TER “ANTHROPOLOGICAL BLUES”. *CADERNOS DE ANTROPOLOGIA E IMAGEM (UERJ)*, v. 1, 1978.

LÉVI-STRAUSS, CLAUDE. *O PENSAMENTO SELVAGEM*. CAMPINAS: PAPIRUS, 1989.

LITTLE, PAUL. E. OS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS NO MARCO DA INTERCIENTIFICIDADE. IN: LITTLE, PAUL. E. (ORG.). *CONHECIMENTOS TRADICIONAIS PARA O SÉCULO XXI: ETNOGRAFIAS DA INTERCIENTIFICIDADE*. SÃO PAULO: ANNABLUME, 2010.

VELHO, G. OBSERVANDO O FAMILIAR. IN: NUNES, EDSON DE OLIVEIRA (ORG.) *A AVENTURA SOCIOLÓGICA: OBJETIVIDADE, PAIXÃO, IMPROVISO E MÉTODO NA PESQUISA SOCIAL*. RIO DE JANEIRO, ZAHAR EDITORES, 1978, p. 36-46.